

# A posição de Raul de Leoni na história da lírica moderna brasileira

Ana Maria Lisboa de Mello  
UFRGS



Raul de Leoni, nascido em 1895, Petrópolis, então capital do Estado do RJ, e falecido em 1926, é um poeta singular cuja obra tem resistido a qualquer tentativa de enquadramento, caso semelhante ao de Augusto dos Anjos (1884-1914) ou até mais complexo. Publica *Luz mediterrânea*, seu único livro de poemas, em 1922, ano da Semana de Arte Moderna. Apesar de ter tido um grande sucesso junto ao público leitor, um dos livros mais lidos da nossa poesia, a obra fica esquecida pela crítica, sobretudo do momento da sua publicação,\* quando todas as atenções voltam-se para as rupturas promovidas pelos poetas modernistas.

A primeira edição de *Luz mediterrânea*, segue-se outra em 1928, que incorpora o poema “Ode a um poeta morto”, em memória de Olavo Bilac, publicado em 1919, e “Poemas inacabados”. O livro foi reeditado em 1940, 1946, 1948 (a editora Martins reimprime a edição de 48 em 1949, duas vezes em 1952, duas vezes, em 1959 e em 1965). A décima terceira edição é de 1987 pela Cia Brasileira de Artes Gráficas, com a inclusão de “Poemas dispersos”, acrescentados aos anteriormente chamados “Poemas inacabados”. A décima quarta edição é de 1995, ilustrada e comemorativa do centenário de Raul de Leoni. Atualmente, circulam pelo menos quatro edições de *Luz mediterrânea*: Garnier (1998), Topbooks (2000); Martins Fontes (2001); Viana & Mosley (2002). Como observa Sergio Alcides, no prefácio da edição da Martins Fontes, poetas

---

\* Dada a persistência das edições e o sucesso junto aos leitores, a produção crítica sobre *Luz mediterrânea* torna-se mais freqüente a partir dos anos 1940, sobretudo depois do cinquentenário de nascimento do autor.

altamente populares, como Vicente de Carvalho, Hermes Fontes, Olegário Mariano, submergem no esquecimento, enquanto a editora Martins continua a reimprimir a obra de Raul de Leoni, “a cada dois ou três anos”.<sup>1</sup>

Pode-se afirmar que somente Olavo Bilac e Augusto dos Anjos tiveram um sucesso comparável ao autor de *Luz mediterrânea*. Como assinala Pedro Lyra, na edição de 2000, pela Topbooks, com relação à obra de Leoni, dois problemas básicos persistem e desafiam o historiador e o crítico literário: a “inserção histórica e fisionomia estética” do poeta.<sup>2</sup>

A morte prematura, aos 31 anos, interrompe o caminho daquele que se mostra um dos mais promissores poetas brasileiros. Embora não tivesse adotado as rupturas modernistas – o poemapiada, a linguagem coloquial – ele não se afasta dos intelectuais de sua época, amigo e freqüentador dos mesmos espaços em que circulam Sergio Buarque de Holanda, Di Cavalcanti, Ribeiro Couto, entre outros. O ensaio de Leoni, intitulado “Marinetti: o homem do século XX”, mostra que ele está atento aos acontecimentos estéticos de seu tempo e à agitação do que chama “o espírito contemporâneo”:

Futurismos, dadaísmos, traismos, simultaneísmos, cubiscos, etc., etc., não são afinal mais do que sinais vagos, parciais, turvos, imprecisos, confusos, inquietos, ansiosos, delirantes, pitorescos, talvez ridículos, mas extremamente expressivos todos, de uma só e mesma coisa, perfeitamente legítima, que é essa formidável agitação do espírito contemporâneo. São um índice de uma hora confusa e trepidante... Insuficientes e incompletos eles se referem, apenas, ao aspecto estético do fenômeno que entretanto traz tão largas finalidades humanas, operando sobre todas as formas de vida, do pensamento e da ação...<sup>3</sup>

Leoni entende o espírito moderno, “filho da nossa civilização eletromecânica”, conforme suas palavras no texto a respeito de Marinetti, mas considera que é preciso que o ser humano não se perca “nas vertigens dos exageros”, pois:

Haverá sempre um homem novo, mas nunca um outro homem. Em essência o homem não é passadista, nem futurista, é um triste eter-

---

<sup>1</sup> ALCIDES, Sergio. Introdução. In: LEONI, Raul. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XV.

<sup>2</sup> LYRA, Pedro. Um instintivismo hedonista In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Topbooks, 2000. p. 21

<sup>3</sup> LEONI, Raul. “Marinetti: o homem do século XX”. In: CRUZ, Luiz Santa (Org.). *Raul de Leoni. Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. p. 83. (Nossos Clássicos)

nista, sempre adaptado ao presente, no seu destino de grande trágico da dor universal, a passar pela ironia das eternas esfinges...<sup>4</sup>.

Muitos consideram que a poesia de Leoni é clássica e simbolista ao mesmo tempo, com equilíbrio formal e imagens abstratas que sustentam indagações de teor metafísico. O título do livro – *Luz mediterrânea* – alude à grande admiração do poeta pelas culturas do sul da Europa, iluminadas pela claridade da inteligência grega, refletida na filosofia, na mitologia e na arte em geral. Essa admiração pela Grécia, o gosto pela cultura helênica, somados ao fato de ter escrito a “Ode a um poeta morto”, em homenagem a Olavo Bilac (1865-1918), favorece a tendência, presente na crítica, a considerá-lo um neoparnasiano. Como o faz Manuel Bandeira (1886-1968) em *Apresentação da poesia brasileira*, em 1946, ao lado dos poetas Martins Fontes, Hermes Fontes, Gilka Machado, entre outros.<sup>5</sup> Carlos Drummond de Andrade vai ressaltar o fato de que Leoni publica *Luz mediterrânea* em um momento de transição ou na encruzilhada de perspectivas estéticas, salientando que o livro apresenta características que fariam de Leoni um poeta isolado:

É um poeta diferente, de expressão muito cuidada e elegante, mas não se confunde com os cultores do parnasianismo em agonia. O modernismo ainda não surgira; o simbolismo já não dava mais frutos. É um espírito imbuído de pensamento clássico, a que acrescenta um desencanto moderno, no sentido filosófico. Esse poeta não fará escola: demasiado civilizado, sua aristocracia natural há de marcá-lo e isolá-lo.

Sergio Milliet, no seu *Diário Crítico* (1940-1959), tem também a sensibilidade para perceber que, ao lado de simbolistas como Cruz e Sousa, Raul de Leoni é neoparnasiano, mas, comparado com o parnasiano Martins Fontes (1884-1937), o poeta fluminense “já representa uma revolução em marcha”.<sup>6</sup> Agrippino Grieco (1888-1973) também o situa a meio caminho entre parnasianos e simbolistas e observa que as palavras do poeta na homenagem a Bilac serviriam melhor como uma referência à sua própria poesia: “Semeador de harmonia e de beleza / Que num glorioso túmulo repousas, / Tua alma foi um cântico diverso, / Cheio da eterna música das cousas: / Uma voz superior da Natureza / E uma idéia

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 87.

<sup>5</sup> BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954. p. 106.

<sup>6</sup> MILLIET, Sergio. *Diário crítico*. São Paulo: EDUSP, 1981. v. 6, p. 73.

sonora do Universo!”<sup>7</sup> Observa também Grieco que a mão do poeta era “pródiga em versos incorpóreos, antes desenhados no ar que traçados no papel, com muito de diáfano, de translúcido, que faz pensar numa elegia de Keats, vinda da Grécia através da Inglaterra que não esmorecesse em caminho, nem perdesse na viagem a doçura e a frescura primitivas”.<sup>8</sup> Andrade Muricy igualmente vê o poeta na confluência de várias correntes, mas conservando uma perfeita autonomia.<sup>9</sup>

Raul de Leoni é, portanto, um poeta eclético, independente e, devido à morte prematura, pertence a um período da história literária brasileira que antecede o Modernismo. Não teve tempo, como outros poetas, de experimentar novas perspectivas estéticas, como é o caso de Jorge de Lima, por exemplo, que nasceu dois anos antes de Leoni e que, segundo os seus críticos, produziu uma lírica de feitio parnasiano, depois aderiu às propostas dos modernistas, no tom dos anos 20, e culminou com a poesia de teor metafísico, a partir da publicação de *Tempo e eternidade*, em 1935, escrita em parceria com Murilo Mendes. A afinidade de Raul de Leoni com a geração de escritores do final do século XIX e com as primeiras duas décadas do século XX explica que as leituras mais significativas para a formação do seu pensamento coincidam com preferências de Machado de Assis, entre as quais os escritores Erasmo de Rotterdam, Jonathan Swift e Ernest Renan.

Leila Perrone-Moisés, no ensaio “Raul de Leoni, poeta de retaguarda”, observa que o autor viu embaçado o orgulho da alma greco-latina “pelo ceticismo de sua época”, e mostrou-se irmanado “com os poetas portugueses de *Orpheu*, como ele defensores da Poesia e da Beleza (com maiúsculas) num tempo em que o papel das mesmas se torna duvidoso, e indecisos entre o decadentismo e o modernismo”.<sup>10</sup> De acordo com a ensaísta, Leoni prega em sua obra um “epicurismo triste” como o do neoclássico Ricardo Reis, “exalta a simplicidade e a naturalidade como Alberto Caeiro e sofre da crise do sujeito como Fernando Pessoa ele mesmo”.<sup>11</sup> Em uma estrofe de “Confusão”, terceira parte do poema “História de uma alma”, o sujeito lírico discute a questão da cisão e das metamorfoses do Eu, tema tão caro à modernidade:

<sup>7</sup> LEONI, Raul. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 109.

<sup>8</sup> GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. p. 119-120. (Obra Completa)

<sup>9</sup> Cf. Muricy apud PERRONE-MOISÉS, Leila. Raul de Leoni, poeta da retaguarda. In: *Inútil poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 200.

<sup>10</sup> PERRONE-MOISÉS, Leila. op. cit., p. 203.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 203.

Alma estranha esta que abrigo  
Esta que o Acaso me deu,  
Tem tantas almas consigo,  
Que nem sei bem quem sou eu.

Jamais na Vida consigo  
Ter de mim o que é só meu;  
Para supremo castigo,  
Eu sou meu próprio Proteu.

De instante a instante, a me olhar,  
Sinto, num pesar profundo,  
A alma a mudar... a mudar...

Parece que estão, assim,  
Todas as almas do mundo  
Lutando dentro de mim...<sup>12</sup>

Igualmente, no poema “Canção de todos”, o poeta trabalha a idéia da *persona* – a máscara – em oposição à alma profunda, retomando o tema do duplo, tão recorrente no século XIX, a partir dos românticos, ao expor a idéia da existência de duas almas, a que se mostra ao mundo, passageira e condicionada às circunstâncias, e a alma autêntica, profunda, eterna, que “fica no Tempo”:

Duas almas debes ter...  
É um conselho dos mais sábios;  
Uma, no fundo do Ser,  
Outra, boiando nos lábios!

Uma, para os circunstantes,  
Solta nas palavras nuas  
Que inutilmente proferes,  
Entre sorrisos e acenos:  
A alma volúvel das ruas,  
Que a gente mostra aos passantes,  
[...]  
A outra alma, pérola rara,  
Dentro da concha tranqüila,  
Profunda, eterna e cara  
Que poucos podem possuí-la.

É a alma que nas entranhas  
Da tua Vida murmura  
Quando paras e repousas.  
[...]

---

<sup>12</sup> LEONI, op.cit., nota 7, p. 22.

Alma que é apenas tua,  
Que não te trai nem te engana,  
Que nunca se desvirtua,  
Que é a voz do Mundo em surdina  
Que é a semente divina  
Da tua têmpera humana.  
[...]  
Duas almas tão diversas  
Como o poente das auroras:  
Uma, que passa nas horas;  
Outra, que fica no Tempo.<sup>13</sup>  
(Luz mediterrânea)

A teoria das duas almas, tão diversas entre si, sendo uma a autêntica natureza do ser humano e a outra, a face que ele assume no curso da vida em esforço de adequação às circunstâncias, retoma o foco do conto “O espelho – esboço para uma teoria da alma humana”, de Machado de Assis, do livro *Papéis avulsos*, de 1882. O conto focaliza a oposição entre a “alma exterior”, que é construída de fora para dentro, forjada pelas imposições e apelos externos ao sujeito, e a “alma interior”, que atua de dentro para fora, ou seja, a que faz parte da constituição íntima e profunda do ser humano.

O tema do sujeito cindido, dividido entre duas tendências no final do século XIX, assume também outra oposição: o crédito na ciência e no poder do homem de construir um mundo melhor (aquilo que chamará de presença do mito de Prometeu no século mencionado\*) e a dúvida sobre os rumos da civilização, com manifestações de sua decadência (Prometeu será substituído por Dioniso no final do século XIX\*\*). Não se pode esquecer que Raul de Leoni vive o final da adolescência na *Belle Époque*, marcada por muitas inovações culturais e tecnológicas, e a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que demonstrou que essas inovações tecnológicas serviriam à destruição dos homens (15.000 milhões de mortos). No soneto “Aos que sonham”, o eu-lírico aponta para esse

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 52-56.

\* Raymond Trousson observa que, desde o Romantismo, Prometeu tornou-se na cultura ocidental o símbolo por excelência da revolta na ordem metafísica e religiosa, encarnando a recusa do absurdo da condição humana. Em torno da metade do século XIX, as expressões “homem prometéico”, “humanismo prometéico” estiveram na moda para evocar toda a atitude de conquista ou de contestação aos valores tradicionais. Cf. TROUSSON, R. Prométhée. In: BRUNEL, Pierre. *Dictionnaire des mythes littéraires*. Paris: Editions du Rocher, 1988. p. 1187. (tradução nossa).

\*\* Durand observa que a episteme da *Belle Époque*, sob o signo de Dioniso, é agnóstica e expurga toda iconologia. Dioniso representa a irrupção de uma violência liberadora de emoções e paixões. In: DURAND, Gilbert. *Figures mythiques et visages de l'œuvre: de la mythocritique à la mythanalyse*. Paris: Dunod, 1992. p. 28-29.

contraste entre a crua realidade e os sonhos daqueles que insistem em idealizar o real:

Não se pode sonhar impunemente  
Um grande sonho pelo mundo afora,  
Porque o veneno humano não demora  
Em corrompê-lo na íntima semente...

Olhando no alto a árvore excelente,  
Que os frutos de ouro esplêndidos enflora,  
O Sonhador não vê, e até ignora  
A cilada rasteira da Serpente.

Queres sonhar? Defende-te em segredo,  
E lembra, a cada instante e a cada dia,  
O que sempre acontece e aconteceu:

Prometeu e o abutre no rochedo,  
O Calvário do Filho de Maria  
E a cicuta que Sócrates bebeu!<sup>14</sup>  
(*Luz mediterrânea*)

Raul de Leoni teve a oportunidade de viajar para a Europa em 1913, um ano antes da I Guerra Mundial, aos 18 anos e, ao longo de 10 meses, percorreu capitais e cidades de Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Suíça, Holanda e Itália. Desta, sobretudo da cidade de Florença, parece ter guardado a admiração e o encanto que se projetaram em poemas de *Luz mediterrânea*, como no intitulado “Florença”, em que o eu-lírico canta as belezas físicas da cidade e exalta as conquistas espirituais e artísticas ali ocorridas:

Manhã de outono...  
Través a gaze fluida da neblina,  
Teu panorama, trêmulo, hesitante,  
Se vai furtivamente desenhando,  
Na alva doçura de uma renda fina...

Do florido balcão de San Miniato,  
Como num cosmorama imaginário,  
Vejo aos poucos despir-se o teu cenário,  
Dentro de um sereníssimo aparato...  
[...]  
Teus sinos cantam num prelúdio lento  
A elegia das horas imortais;  
É a canção do teu próprio sentimento  
Na voz sonâmbula das catedrais.

---

<sup>14</sup> Leoni, op.cit., nota 7, p. 39.

E é, então, que transponho as tuas portas,  
E ouvindo as tuas ruínas pensativas  
Sinto-se em corpo e espírito em Florença:  
A mais humana das cidades vivas,  
A mais divina das cidades mortas!...  
[...]  
Amo-te assim, indefinida e vária!  
Casta e viciosa – gótica e pagã,  
Harmoniosa entre a Acrópole e o Calvário.

Ó Pátria sereníssima  
Das formas puras, das idéias claras;  
Das igrejas, das fontes, dos jardins;  
Dos mosaicos, das rendas, dos brocados;  
Dos coloristas límpidos e meigos;  
Das almas furta-cor e da graça perversa;  
Da discreta estesia dos requintes;  
Dos vícios raros, das perversões elegantes;  
Dos venenos sutis e dos punhais lascivos;  
[...]<sup>15</sup>

Já no prefácio da edição de 1929, Rodrigo Melo Franco de Andrade tece considerações sobre a admiração do poeta pela cultura grega e sobre a impregnação de viés filosófico de suas emoções:

Se havia entre nós um poeta de espírito clássico, certo seria este, pelas proposições claras e concisas, pelas imagens puras e nítidas, pelo equilíbrio formal dos seus poemas, tanto quanto pela rara capacidade para a expressão de idéias abstratas. E era admirável o rigor lógico com que nos seus versos se desenvolvia o pensamento, animado pelo jogo preciso das imagens. Paul Valéry notou nos escritores românticos uma depressão nas qualidades abstratas do estilo e uma espécie de renúncia estranha aos meios e potencialidades que a arte literária pode tirar da operação do pensamento. Em Raul de Leoni não se observa aquela depressão nem aquela renúncia. Ao contrário: nunca sacrificou à beleza, ao pitoresco ou à raridade da expressão a geometria precisa das idéias. [...] Para Raul de Leoni, entretanto, as idéias representam seres vivos. Das aventuras de cada uma delas, é que extrai a poesia, como os épicos a extraíam dos episódios da carreira dos heróis. Ele foi entre nós, e o foi com singular grandeza, o único poeta de emoção puramente filosófica.<sup>16</sup>

Em 1960, Fernando Góes salienta essa admiração de Leoni pelas civilizações mediterrâneas, a musicalidade de seus versos e as

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 11-14.

<sup>16</sup> ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Prefácio. [1928]. In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea*. 10. ed., p. 10, p. 12.



abstrações construídas pelas imagens, reforçando a noção, também muito presente entre os críticos, de que é um poeta de emoções contidas em favor do desenvolvimento do pensamento:

Foi Raul de Leoni um espírito claro e ático que amava a vida, o sol, a serenidade das belas coisas. A Grécia da decadência, com o seu paganismo, e Florença – viciosa e virtuosa, com a sedução de seus crimes e mistérios, eram os lugares para onde se voltava seu pensamento, em que não encontravam ressonância os fatos passados à sua volta, já que a comparava a uma velha cidade grega embebida das civilizações mediterrâneas, cidade de ironia e de beleza, situada – diz num belíssimo verso – “na dobra azul de um golfo pensativo”. A vida de todo dia não lhe marcou os poemas, observou Ribeiro Couto, notando que sua poesia foi toda criada “num mundo especial de abstrações filosóficas ou de coisas evocadas”. Temperamento irônico, capaz de surpreender o lado sutil de todas as coisas, amava a perfeição, as palavras cantantes, a música dos ritmos brilhantes. Seus versos vivem mais da inteligência que da emoção, da idéia que do sentimento, pois acima de tudo sentia esse poeta [...] o prazer sutil do pensamento. E a serena elegância das idéias. [...]

Por isso mesmo é que não há exageros ou entusiasmos em seus poemas, onde tudo é exato e perfeito: ritmos, rimas, o desenvolvimento da idéia.<sup>17</sup>

A emoção que perpassa os poemas de Raul de Leoni é sutil, mas perceptível na delicadeza das imagens que aludem ao real tangível mas apontam para o incognoscível, para o transcendente. O poeta não se enquadra em nem um dos rótulos que lhe quiseram imputar, resiste ao reducionismo, porque escreve uma obra independente, sem desconhecer a tradição, nem a contemporaneidade modernista. Enquanto poeta moderno, atento às conquistas da lírica dos simbolistas franceses, constrói uma poesia que seguidamente se despersonaliza para falar pela humanidade.

Enquanto a poesia romântica é seguidamente cristã, a poesia moderna, depois de Baudelaire e Rimbaud, tem uma tendência a retornar à sabedoria profana época grega, pagã, e a recusar a existência de um deus onipotente. Mihae Son, na sua tese *La quête métaphisique dans la poésie moderne ( des années 1920 aux années 1960)* sublinha:

A poesia do início do séc. XIX se define como metafísica, por ser essencialmente cristã. Conseqüentemente, o que caracteriza a busca na poesia moderna – a partir de Baudelaire e de Rimbaud – é a tendên-

---

<sup>17</sup> GOÉS, Fernando. Raul de Leoni Ramos. In: \_\_\_\_\_. *Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. v. 5, p. 345.

cia a se voltar para a sabedoria profana da era grega que, por muito tempo, ficou na sombra em favor da sabedoria cristã, e daí a recusa interiorizada da existência de um Deus onipotente.<sup>18</sup>

A poesia de Leoni tem essa característica de retorno a uma sabedoria pagã e se, como alguns críticos apontam, apresenta indagações semelhantes às da filosofia, essa são uma resposta à crise das consciências do século que inicia com uma Guerra Mundial. No séc. XX, a pesquisa metafísica, diferentemente da tradição inglesa e mesmo a romântica, caracteriza-se pela dúvida, pela ironia e pela interiorização da busca metafísica. Sobre isso observa Mihae Son:

Para aqueles que se engajam na busca, a escritura é às vezes uma interrogação de caráter religioso à qual o poeta religa a criação literária, ou um meio de agir sobre um plano ontológico, de integrar a poesia à ação que, buscando a grandeza do homem, dá um sentido à sua existência, quando ela [a poesia] não é um meio ainda para refletir a partir da pura subjetividade e até de viver o ato intelectual através do “canto onde se harmonizam os aspectos intelectuais e sensíveis, a clareza e o mistério”.<sup>19</sup>

Como ocorre nos poetas modernos, o poeta brasileiro trata os temas metafísicos e meditações espirituais com o tempero da dúvida, da ironia e da melancolia. O poema a seguir, intitulado “Ironia !”, mostra a atitude do sujeito diante da dúvida, sendo essa originária da razão:

Ironia! Ironia!  
Minha consolação! Minha filosofia!  
Imponderável máscara discreta  
Dessa infinita dúvida secreta  
Que é a tragédia recôndita do ser!  
Muita gente não te há de compreender  
E dirá que és renúncia e covardia!  
Ironia! Ironia!  
És a minha atitude comovida:  
O amor-próprio do Espírito, sorrindo!  
O pudor da Razão diante da Vida!

Como muitos poetas modernos, Leoni manifesta uma tendência espiritualizante que busca uma salvação, mas não apresenta uma solução apaziguadora. Questiona e, ao mesmo tempo, afirma a existência de um plano transcendente. No poema a seguir, intitu-

<sup>18</sup> SON, Mihae. *La quête métaphysique dans la poésie moderne: des années 1920 aux années 1960*. Toulouse: Presses Universitaires du Septentrion, 2002. p. 13.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 21.

lado “Unidade”, o sujeito lírico esboça uma visão monista do universo, segundo a qual todos os seres participam da “harmonia universal”:

Deitando os olhos sobre a perspectiva  
Das cousas, surpreendo em cada qual  
Uma simples imagem fugitiva  
Da infinita harmonia universal.

Uma revelação vaga e parcial  
De tudo existe em cada coisa viva:  
Na corrente do Bem ou na do Mal  
Tudo tem uma vida evocativa.

Nada é inútil; dos homens aos insetos  
Vão-se estendendo todos os aspectos  
Que a idéia da existência pode ter;

E o que deslumbra o olhar é perceber  
Em todos esses seres incompletos  
A completa noção de um mesmo ser...<sup>20</sup>  
(*Luz mediterrânea*)

Em contrapartida, o eu-lírico do poema “Sabedoria” afirma o inalcançável da verdade e a “graça encantada da incerteza” (3ª estrofe). Diante do incognoscível, só resta a verdade da Beleza:

Tu que vives e passas, sem saber  
O que é a vida nem porque é, que ignoras  
Todos os fins e que, pensando, choras  
Sobre o mistério do teu próprio Ser,

Não sofras mais à espera das auroras  
Da suprema verdade a aparecer  
A verdade das cousas é o prazer  
Que elas nos possam dar à flor das horas...

Essa outra que desejas, se ela existe,  
Deve ser muito fria e quase triste,  
Sem a graça encantada da incerteza...

Vê que a Vida afinal, – sombras, vaidades –  
É bela, é louca e bela, e que a Beleza  
É a mais generosa das verdades...<sup>21</sup>  
(*Luz mediterrânea*)

Alguns críticos vêem na poesia de Raul de Leoni a aproximação com a Filosofia, devido ao fato de que perpassam, pelo discurs-

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 41.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 69.

so poético do autor, questões fundamentais e recorrentes, voltadas à temporalidade, à morte, à verdade e à essência do homem, que são também o foco das discussões filosóficas. Contudo, a diferença entre a poesia e a filosofia reside nos métodos e desígnios. Conforme observa Mihae Son:

a intenção dos poetas é com efeito menos globalizante, o ponto de partida de suas pesquisas fica seguidamente no plano pessoal, e o objetivo é tanto estético quanto ontológico. Se esses são focalizados com tanta acuidade quanto na filosofia – os grandes problemas metafísicos, o tempo e o espaço, o mundo e o eu, deus... – o são em um plano essencialmente existencial, e eles não respondem a um desejo de erigir um “sistema” qualquer.<sup>22</sup>

Partindo da realidade tangível, a lírica de Raul de Leoni alcança paisagens abstratas, desenha contornos do imaterial, encaminha diálogos com as instâncias imaginárias, intui leis que regem o destino humano e a sua perpétua busca do conhecimento e da verdade, perquirição que fica plasmada nos seguintes versos: “Ao menos uma vez em toda a vida/ a Verdade passou pela alma de cada homem...” (*Últimos sonetos*)

Raul de Leoni é um poeta que se situa, portanto, na fronteira que separa a poesia parnasiana e simbolista da poesia modernista. Não pode ser considerado neoparnasiano pelas rupturas formais que adota, mais próximas das experiências dos poetas simbolistas, em relação aos quais os modernistas não se sentiam completamente afastados. Leoni exprimia-se através de sonetos clássicos e de poemas de métrica variada, não se fazendo aprisionar por qualquer rigidez formal, colocando a forma a serviço da significação. Não se pode dizer que é neo-simbolista, embora partilhe com os franceses o retorno à mitologia pagã, afastando-se da perspectiva predominante cristã dos românticos, e apresente uma delicada melodia em seus ritmos. Segundo depoimento informal de Sérgio Buarque de Holanda,<sup>23</sup> um dos poetas mais lidos por Leoni foi Augusto dos Anjos cujos versos costumava recitar de memória, podendo-se pensar que é da lírica do autor do livro *Eu* que o poeta Raul de Leoni mais se aproxima, já que ambos, guardadas as especificidades do perfil de cada um, resistem a qualquer enquadramento em um movimento literário determinado.

Não sendo parnasiano, nem simbolista, nem modernista, mas um pouco de todas essas tendências, Raul de Leoni é um poeta

<sup>22</sup> SON, op. cit., p. 17.

<sup>23</sup> Cf. nota de rodapé nº 138 In: NOVAIS, Germano de. *Raul de Leoni: fisionomia do poeta*. Porto Alegre: Tipografia Pia Soc. Filhas de São Paulo, 1956. p. 159.

moderno, afinado com as inovações francesas introduzidas na lírica por Baudelaire (1821-1867), Rimbaud (1854-1891), Mallarmé (1842-1898) e, sobretudo, Paul Valéry (1871-1945), poeta por quem tinha grande admiração. Ao mesmo tempo, é um poeta empenhado na expressão de idéias abstratas, recorrendo “ao apelo feito a sua alma pelo mundo clássico”, conforme sublinha Darcy Damasceno.<sup>24</sup> Raul de Leoni é moderno, daquela modernidade inaugurada por Baudelaire que, conforme Hugo Friedrich, teve “a capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência do homem, mas também pressentir uma beleza misteriosa, não descoberta até então”.<sup>25</sup>

### Referências

- ALCIDES, Sergio. Introdução. In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Prefácio. [1928]. In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea*. 10. ed.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.
- CRUZ, Luiz Santa. *Raul de Leoni: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. (Nossos Clássicos)
- DAMASCENO, Darcy. Sincretismo e transição: o neoparnasianismo. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Universidade Federal Fluminense, 1986. v. 4.
- DURAND, Gilbert. *Figures mythiques et visages de l'œuvre: de la mythocritique à la mythanalyse*. Paris: Dunod, 1992.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GOÉS, Fernando. Raul de Leoni Ramos. In: \_\_\_\_\_. *Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. v. 5.
- GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. (Obra Completa)
- LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Topbooks, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LYRA, Pedro. Um instintivismo hedonista In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea e outros poemas*. São Paulo: Topbooks, 2000.

---

<sup>24</sup> DAMASCENO, Darcy. Sincretismo e transição: o neoparnasianismo. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; UFF, 1986. v. 4, p. 608.

<sup>25</sup> FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p. 35.

MILLIET, Sergio. *Diário crítico*. São Paulo: EDUSP, 1981. v. 6.

NOVAIS, Germano de. *Raul de Leoni: fisionomia do poeta*. Porto Alegre: Tipografia Pia Soc. Filhas de São Paulo, 1956.

PERRONE-MOISÉS, Leila. Raul de Leoni, poeta da retaguarda. In: *Inútil poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SON, Mihae. *La quête métaphysique dans la poésie moderne: des années 1920 aux années 1960*. Toulouse: Presses Universitaires du Septentrion, 2002.

TROUSSON, R. Prométhée. In: BRUNEL, Pierre. *Dictionnaire des mythes littéraires*. Paris: Editions du Rocher, 1988.